

DA IMAGEM À POESIA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Welson dos Anjos Pereira¹
Bruno Alves Pereira²

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, na área da educação, tem-se discutido a respeito de que tipo de sujeitos se quer formar – principalmente em tempos de supervalorização da técnica com vistas a suprir as necessidades da dita sociedade de mercado. Na maioria da vezes, essas reflexões têm apontado para o desejo de se formar um cidadão crítico, ativo e humanizado.

Esse desejo, a priori, deveria ser visto com muita positividade, no entanto, esse discurso não pode e não deve permanecer circunscrito apenas a truísmos e desejos de uma abstração filosófica. Pelo contrário, deve-se concretizar no plano real sendo traduzido por meio de nossas práticas.

Na aula de português, especificamente, que práticas temos tomado para contribuir com a formação desse cidadão crítico e humanizado? De que maneira nosso trabalho em sala de aula pode se tornar efetivo para alcançar esse objetivo? Como a literatura pode ser fator de humanização e como o trabalho com ela se torna realmente efetivo? Essas são algumas das questões que tentaremos responder ao longo de nosso trabalho.

O presente trabalho tem por objetivo, então, apresentar um relato de experiência do trabalho com a literatura em sala de aula, mais especificamente com o gênero poema visual, numa turma de sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Tobias Remígio Gomes localizada na zona rural de Monteiro PB. Trata-se de um conjunto de dez aulas desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba.

Para embasar teoricamente nosso trabalho, tomamos como escopo teórico-metodológico os estudos de Candido (2003), Cosson (2011) e Jouve (2012), autores que defendem que o trabalho efetivo com a literatura é fator indispensável de humanização.

O trabalho está dividido em quatro partes: em “Introdução”, fazemos nossas considerações iniciais; em “Do direito à literatura”, apresentamos a fundamentação teórica de nosso trabalho e os percursos metodológicos; em “Poema visual: uma viagem através das imagens”, evidenciamos nossas reflexões e respondemos às perguntas acima postas e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

DO DIREITO À LITERATURA

Um fato que perdura há muito tempo nas aulas de língua portuguesa é justamente o apagamento da essência do trabalho efetivo com o texto literário em detrimento de discussões de cunho linguístico ou apenas e puramente análise de elementos gramaticais em fragmentos de poemas, contos, romances, etc. Esses tipos de práticas estão diretamente relacionadas a que concepção o professor tem de língua e principalmente de literatura. Em relação a esta última Candido (2003, p. 122) diz que

¹ Licenciando em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba, welsondosanjos.jls@gmail.com;

² Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba, brunoapcg@bol.com

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.

Se a literatura é esse elemento capaz de preencher essa que é uma necessidade e o que queremos enquanto educadores é justamente a formação de um ser que ativo e humanizado, não há motivos, então, para não darmos o devido valor que a literatura tem. Ainda segundo Candido (2003, p. 117)

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Não podemos nos dar ao luxo de desprezar essa qualidade que tem a literatura enquanto elemento humanizador. Seus temas e motivos dão asas a discussões que são eminentemente fundamentais na sociedade atual. Se incorremos no erro de não fazê-lo, corremos o risco de formar cidadãos mal resolvidos consigo mesmo, com seu corpo, sua sexualidade, sua identidade cultural etc. E isso nos é caro à medida que a literatura “[p]arece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2003, p. 112). Sendo ela assim “o sonho acordado da civilização” e por isso mesmo “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 112). Por assim dizer, a literatura é, sem dúvidas, fator indispensável de humanização. Além de tudo,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2003, p. 113).

POEMA VISUAL: UMA VIAGEM ATRAVÉS DAS IMAGENS

Como o nosso trabalho se iniciou com um gênero novo para os alunos, optamos por realizar uma atividade de motivação que trouxesse para eles uma certa aproximação ou familiarização com o gênero. Demos a essa atividade o nome de “amigo poético”: consistia basicamente em levar para a sala de aula uma caixa com bombons escondidos no fundo, recoberto com poemas na parte superior. Aos alunos, foi dito que dentro daquela caixa havia algo que eles gostavam, mas, para que eles pudessem acessar essa parte, nós teríamos que passar primeiro pela parte superior da caixa através de uma brincadeira, o amigo poético. Nessa brincadeira, eles teriam que pegar um papel dentro da caixa, no qual havia um poema

(alguns visuais, outros não) que ele deveria ler, dizer o que achou e dedicar a um colega da turma e assim sucessivamente até que chegassemos aos bombons.

Ao fim, quando todos já estavam munidos de seus poemas, fizemos algumas considerações que levaram eles a refletir sobre os poemas visuais, sua estrutura e funcionalidade com perguntas como: *vocês notaram alguma diferença entre seu poema e o poema de seu colega?*; *a disposição no papel é igual?*; *que formato tem?*; *no que esse formato contribui para entender o poema?*; *vocês gostaram?*; *já conheciam poemas dessa forma?*, etc.. Esse primeiro movimento corresponde ao que Cosson (2014) chama em seu modelo de sequência básica de atividade de motivação, que de maneira geral, prepara o aluno para receber o texto envolvendo o elemento lúdico. Nas palavras do autor,

[a]s motivações que propusemos sempre foram bem recebidas pelos alunos. Acreditamos que o elemento lúdico que elas contém ajudaram a aprofundar a leitura da obra literária [...] É preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor... Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura (COSSON, 2014, p. 56).

Esse movimento se mostrou de grande importância em nossa experiência. Os alunos se envolveram com a lúdico da atividade e de maneira prazerosa vivenciaram os textos, brincaram e se divertiram com o jogo das palavras no papel que os autores fizeram. Igualmente importante também foi o segundo movimento: o de introdução, quando levamos os alunos a perceberem como funciona o gênero e suas nuances de sentido. É o momento dedicado à apresentação de autor e obra, sem que isso se transforme em uma aula longa e expositiva. A respeito desse movimento, Cosson (2014, p.57) afirma:

[...] No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas aquele texto. O outro cuidado (está) na apresentação da obra [...] Quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha.

No segundo momento da sequência, iniciamos a leitura de poemas visuais exclusivamente. Distribuimos para cada aluno um poema e os juntamos em grupos de 5. Cada pessoa do grupo deveria conhecer os poemas dos colegas de maneira que, ao fim, cada aluno tivesse lido os cinco poemas. O objetivo era de que os alunos conversassem entre si sobre seus textos para assim formar sua interpretação. Depois da leitura, cada pessoa do grupo teve um tempo destinado a expor o que ele havia achado do poema que recebeu e dar sua interpretação preliminar sobre ele. Após essa exposição, pedimos que os alunos registrassem no caderno o que eles haviam entendido do poema.

No momento seguinte, levamos todos os poemas distribuídos anteriormente em uma Apresentação em *Power Point* (APP) para que pudéssemos fazer uma discussão geral sobre cada um com a turma toda. Essa discussão foi especialmente produtiva, pois o coletivo tinha opiniões bem interessantes. Em alguns casos, foi necessário que explicássemos o contexto de produção para que os alunos pudessem entender as possíveis nuances de sentido do texto. Como foi o caso do poema *Cuba libre*, em que fizemos uma reconstituição do contexto sociopolítico de Cuba, levando-os até o país virtualmente através de mapas e fotografias. Ao

fim da discussão, pedimos que os alunos registrassem novamente o que eles haviam entendido do poema pós leitura.

O resultado é que muitos alunos mudaram drasticamente de opinião. No caso de *Cuba libre*, o grupo havia respondido, na primeira vez que foi perguntado, que o texto era uma propaganda publicitária da *Coca-Cola*. Após a discussão, eles mudaram a resposta e disseram se tratar de uma crítica social.

Esse momento de leitura e discussão junto com os alunos é de fundamental importância para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos, bem como também é fundamental para o desenvolvimento e exercício da capacidade crítico-interpretativa dos alunos tão cara ao letramento literário.

Terminada essa etapa, levamos para os alunos um vídeo intitulado *Cinco poemas visuais* para que os alunos percebessem as diferenças e sentidos evocados pelos poemas visuais em diferentes suportes. A esse respeito Carvalho (2002 apud Pires, 2011, p. 59) acredita que

[a]o trabalhar de forma integrada o som, a visualidade e o sentido das palavras, a poesia concreta e visual propõe novos modos de fazer poesia, visando a uma arte geral da palavra. A expressão joyceana *verbivocovisual* sintetiza essa proposta que, desde os anos 1950, foi colocada em prática pelos poetas Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald e Ronaldo Azevedo, desdobrando-se até hoje, ao longo de mais de cinco décadas de produção em suportes e meios técnicos diversos – livro, revista, jornal, cartaz, objeto, lp, cd, videotexto, holografia, vídeo, internet. Concebida no calor do empreendimento mais geral de construção de um Brasil moderno, como um projeto em desenvolvimento, esta poesia coloca em jogo formas renovadas de sensibilidade e de experiência. Alarga, ao mesmo tempo, os parâmetros de discussão de poesia, ultrapassando o âmbito literário.

Nessa aula em específico, os alunos participaram bastante. As imagens em movimento arrancaram deles interjeições de surpresa admiração e curiosidade. Ao fim, todos quiseram participar e suas participações foram muito pertinentes com colocações bem pontuais a respeito de detalhes que até nós não havíamos percebido, o que revela que não podemos de forma alguma subestimar nossos alunos.

Outro suporte que levamos para os alunos foi o som. Nessa aula, levamos para que os alunos conhecessem o poema “Rosa de Hiroshima” musicado pelo grupo *Secos e Molhados*. Novamente, aqui fizemos uma explanação geral do contexto sociopolítico da produção do poema. Como era uma turma de sétimo ano, eles ainda não haviam estudado a Segunda Guerra Mundial. Após essa exposição, ouvimos a música juntos e, ao fim, discutimos a respeito e entregamos para eles o poema escrito. Eles disseram que a disposição gráfica do poema lembrava a rosa formada pela explosão da bomba atômica que eles viram na APP e, a partir disso, surgiu nossa proposta de atividade final. Propusemos aos alunos que eles transformassem o poema “Rosa de Hiroshima” em um poema visual.

Dessa atividade, saíram produções interessantíssimas que revelam que eles perceberam as nuances de sentido evocadas pelas imagens mentais que o poema evidenciava. Uma produção que me chamou muito a atenção foi a de um aluno cujo poema tinha disposição gráfica que formava um carro dando ênfase a passagem “rotas alteradas”. Ele explicou que aquilo simbolizava a fuga que as pessoas foram forçadas a fazer para fugir dos efeitos da radiação. Isso demonstra sobremaneira que as discussões nos levam a um lugar de

interpretação profundo que é fixado e registrado através da produção final. A esse respeito Cosson (2014) entende que

[a]pós a leitura da obra, o processo de leitura literária precisa ser complementado com práticas que levem a uma maior interação com o texto, uma exploração de suas características, uma explicitação da construção de seus sentidos, uma compreensão de sua constituição estética, uma interpretação, enfim, que garanta a apropriação daquele texto como parte do letramento literário (COSSON, 2014, p. 126).

Isso aponta para importância do verdadeiro e efetivo trabalho com o texto literário em sala de aula e suas benéficas na competência leitora dos alunos, bem como para a formação humana pretendida e esperada pela maioria dos professores. Como vimos, o trabalho é possível, resta-nos que nos empenhemos para dar aos nossos alunos uma formação que condiga com os nossos objetivos enquanto formadores de cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui os nossos questionamentos iniciais: Que práticas temos tomado para contribuir com a formação desse cidadão crítico e humanizado?; De que maneira nosso trabalho em sala de aula pode se tornar efetivo para alcançar esse objetivo?; Como a literatura pode ser fator de humanização e como o trabalho com ela se torna realmente efetivo?

Ao tomarmos como base nossa observação pessoal em nosso percurso como estagiários, como residentes e outras experiências de observação de aula, bem como estudos que levam em conta o trabalho com a literatura, podemos afirmar que o trabalho que ela tem ganhado na maioria das escolas Brasil afora tem se resumido ao trabalho com fragmentos de textos como pretexto para análise de tópicos gramaticais. No entanto, à medida que fazemos crítica a essa realidade, não assumimos que a literatura deve ocupar o lugar de maior destaque na disciplina de língua portuguesa, como também não desprezamos o trabalho com a gramática em sala de aula. A perspectiva que assumimos aqui é a de que o professor de português deve ter claro quais são os objetivos que ele quer alcançar com suas aulas e tenha clareza que isso dependerá diretamente da visão de língua e de literatura que ele tem.

Entendemos também que o trabalho com a literatura é fator de humanização quando utilizado com vista à vivência e à experimentação do texto e não se tornará efetivo o trabalho que não tome o texto literário em sua completude ou que o torne um fardo a mais que deve ser carregado. É preciso que esse texto esteja intrinsecamente ligado ao prazer de ler.

Como vimos neste trabalho, essa vivência do literário pode se dar de maneira simples e prazerosa. Reside aí a importância de trazer a lume trabalhos como esses que possam mostrar a professores em atuação ou em formação que há caminhos para seu trabalho se torne efetivo.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Ensino de literatura. Poema visual.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed São Paulo: Duas Cidades, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcio-lino. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

PIRES, Isabelle de Araújo. **Poema visual e ensino: vivência em suportes distintos**.
Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Humanidades, Campina Grande, 2011.